

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**JORGE, Ricardo** (Porto, 1858 – Lisboa, 1939)

Ricardo de Almeida Jorge, nascido no Porto, filho de um ferreiro, fez estudos secundários no colégio da Lapa, cursou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1879), da qual se tornou professor em 5.5.1880. Médico de formação, foi uma personalidade complexa e eclética no meio científico e cultural português, cuja atividade se desenrolou nos domínios da saúde, mas também na literatura, nas ciências sociais e humanas, na história. Não sendo historiador de raiz, Ricardo Jorge deixou-nos contributos no campo historiográfico, pela forma como usou a informação e por trabalhos de clara pesquisa histórica em temáticas sanitárias e domínios como a arte, a literatura ou a população. Egas Moniz apresentava-o como “o grande cronista do Porto do seu tempo e até do passado da cidade”, assinalando que “tinha uma marcada tendência para os estudos de história, em particular os ligados à nossa ciência” (*Lisboa Médica*, n.º 9, 1939), mas a sua contribuição é mais abrangente.

O reconhecimento do papel da história no campo científico surge logo com a dissertação inaugural apresentada na Escola Médico-Cirúrgica do Porto – *O Nervosismo* (1879). Questionando-se sobre a conveniência da “história da questão” face ao “positivismo severo” que imperava, Ricardo Jorge argumentava que “à medicina hodierna, apesar de locupletada com as descobertas que à flux lhe trouxeram a observação direta e a experimentação, compete-lhe ouvir atenta as lições da história para tomar no devido valor os monumentos que prostrou por terra, agremiar os que deixou de pé e sujeitar aos superiores meios de critério que adquiriu a sua evolução progressiva, para furtar-se ou à convivência com os erros pretéritos ou ao plágio das descobertas do passado” (*Um ensaio sobre o Nervosismo*, 1879, p. 2). Evolucionista, partia, naturalmente, das novas crenças do seu tempo, vendo a história como “determinadora única e irrefragável das leis do progresso e do encadeamento dos sistemas, princípio inconcusso, que não é mais do que uma das múltiplas faces do evolucionismo que hoje preside a todas as nossas arquitetadas científicas”. A dissertação comporta, então, um historial das abordagens ao “nervosismo”. Seguiu-se outro texto na mesma linha, “As localizações motrizes no cérebro” (1880), para concurso à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, tornando-se docente nas vésperas de completar 22 anos. Eram, contudo, textos sobre ligações psiquiátricas e nevropatológicas inspiradas nos contributos inovadores de Charcot, no Hospital de Salpêtrière, em Paris, que usava o método experimental e anátomo-clínico. A aposta de Ricardo Jorge na neurologia indiciava um



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

desejo de ingressar no Hospital de Alienados Conde de Ferreira (dotado em testamento de 1866, inaugurado em 24.3.1883), instituição inovadora em Portugal. Desafio que terá sido comum a dois estudantes da altura, Ricardo Jorge e Júlio de Matos, amigos e companheiros desde a infância. Terá sido esse desígnio que levou Ricardo Jorge, em Janeiro de 1883, a Paris e a Estrasburgo. O lugar de diretor do Hospital já tinha sido atribuído, em 1881, ao lente de Coimbra, António Maria de Sena, mas faltava completar a equipa. Sena preferiu Júlio de Matos para adjunto, talvez por razões de exclusividade. Ricardo Jorge, no seu retorno, ainda manteve algum entusiasmo “neurológico”, criando um gabinete de histologia, enquanto lente substituto da secção cirúrgica, onde tirocinou Magalhães Lemos para elaboração da sua dissertação (*A Região Psicomotriz*), ingressando depois nesse Hospital. Mais tarde, Eduardo Coelho corroborou uma confiança de Ricardo Jorge, afirmando: “atirara-se com entusiasmo à neurologia, chegara a pensar em dirigir o Manicómio do Conde de Ferreira”, para depois se tornar higienista e epidemiologista, entregando-se ao “culto do credo pasteuriano” (Coelho, “Ricardo Jorge Mestre...”, 1946, pp. 247-251).

Esta marginalização terá sido penosa para Ricardo Jorge. Ainda publicou textos na área, sobre a eletrometria e eletrodiagnóstico, em 1884 e 1886, mas, em mudança de rumo, fez uma incursão no termalismo e irrompeu no campo da saúde pública com as conferências sobre Higiene Social, em 1884, que evidenciaram as precárias condições sanitárias do Porto e as ameaças epidémicas subjacentes. Estas conferências apontaram o caminho para o sanitarismo, área tutelada na Escola Médico-Cirúrgica por José de Gouveia Osório, na cadeira de Higiene e Medicina Legal. Gouveia Osório subiu, entretanto, a presidente da Câmara Municipal do Porto (1886-1887), mas logo faleceu (23.8.1887), sendo substituído na cadeira por Silva Pinto e na presidência por outro lente da Escola, Oliveira Monteiro (1887-1892). Neste ambiente médico municipal, Ricardo Jorge foi chamado para estudar o saneamento municipal e, posteriormente, para a organização e direção dos serviços municipais de saúde. Só em 1895 subiu a lente de Higiene e Medicina Legal.

Focando a vertente historiográfica na sua obra, sublinharemos que esta ganha mais evidência nas conferências sobre higiene social (1884), a saber – *a higiene em Portugal, a evolução da sepultura, inumação e cemitérios, a cremação*. A perspetiva histórica atravessa estes textos, com especial incidência no primeiro (*Higiene Social aplicada à Nação Portuguesa*, 1885).

Se usava a história para explicar a ciência, Ricardo Jorge apelava também ao cultivo de outras áreas emergentes, como a sociologia e a psicologia, nos textos publicados na *Revista Científica*, de que era um dos criadores e responsáveis (1882). Anos depois, ao apresentar a recolha desses textos nos *Ensaios Científicos e Críticos* (1886), Ricardo Jorge assumia o seu ecletismo: “ao apontar estes fragmentos esparsos de biologia, filosofia, história, pedagogia e crítica, diante deste tecido multicolor e heterogéneo, senti uma vaga e íntima voluptuosidade; como que o espírito se me sorriu, retratando-se nos cambiantes daquele caleidoscópio” (*Ensaios científicos...*, 1886, p. 17). Afirma-se novamente como evolucionista, na esteira de Spencer (cuja tradução de “A Educação” prefacia), defendendo que toda a “instrução deve ser essencialmente



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

científica”, que a ciência deve ocupar o lugar antes ocupado pelos estudos clássicos, “de brilho falso”, pois a postura científica deveria sustentar a consciência e o conhecimento e sobrepor-se ao dogma (Idem, pp. 128-129).

A estadia no estrangeiro, permitindo o contacto com as novas tendências e práticas médicas, terá influenciado a proposta para a “renovação no ensino, sobretudo da Escola do Porto”, materializada no *Relatório Apresentado ao Conselho Superior da Instrução Pública como delegado da Escola Médico-Cirúrgica do Porto* (1885). Neste texto, surge um primeiro capítulo intitulado “História e Estatística”, que traduz uma documentada digressão temporal sobre a emergência da Escola do Porto, as condições do ensino e as práticas médico-cirúrgicas. O exercício histórico volta em 1888, com o *Gerês Thermal*, ao perscrutar as “minúcias interessantes de história e bibliografia, para além das explanações hidrológicas” desta estância em que tinha interesses na exploração da concessão e assumiu a direção clínica. Pouco depois, dedica um capítulo à história em *Caldas do Gerez – Guia Thermal* (1891).

Na sequência da colaboração com a Câmara Municipal, publica *Saneamento do Porto. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento*, 1888. Depois de abordar a sanitariedade urbana e propostas de intervenção, acrescenta informações sobre o passado da higiene municipal, utilizando o arquivo camarário, que considera “incomparável repositório de preciosíssimos documentos de história comunal”.

O combate sanitário amplia-se em 1892, quando sobe a responsável pela Repartição Municipal de Saúde e Higiene. Cria um Laboratório de Bacteriologia e organiza a *Estatística Demográfica*, coligida mensalmente num *Boletim*, propondo-se “caboucar e arquetetar números, médias, relações, diferenças e proporções”. Procurava abrir caminho à “medicina social”, que considerava desvalorizada e caluniada dentro e fora da classe profissional, dado passar ao lado do “serviço imediato dos enfermos” e ser uma atividade que “por interessar a todos vê diluído o seu prestígio”. Mas o campo da “demo-medicina” estava em crescendo, a higiene conjugava medicina e sociologia para estudar os “males físicos da unidade social em si e nas suas causas, atalhá-los e preveni-los, aguentar e revigorar o homem coletivo de modo a fazê-lo alcançar a máxima felicidade física” (*Demografia e Higiene*, pp. V-VI).

Daí resulta, em 1897, o texto *Origens e desenvolvimento da Cidade do Porto – Notas Históricas e Estatísticas*. Este é o seu primeiro trabalho com objetivos verdadeiramente historiográficos, conjugados com estatística: estudar o agregado urbano, que “acresce a sua população por dois processos: pela reprodução dos moradores próprios e pela aquisição de moradores estranhos”, no cruzamento do processo biológico com o processo social. A história persegue aqui o objetivo de proceder ao rastreio da “demografia topográfica do Porto”, difícil de cumprir numa terra com a “sua história por fazer e até os seus documentos por compilar”. Evoca o papel pioneiro, sem continuidade, de Herculano. Referindo os escassos trabalhos históricos sobre o Porto, documenta-nos sobre a organização do arquivo municipal, em 1888, com o presidente, Oliveira Monteiro, a nomear uma comissão integrada por Ricardo Jorge, José Carlos Lopes e José Caldas, num



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

processo relevante para a defesa do arquivo municipal.

Em 1899, surge *Demografia e Higiene da Cidade do Porto*, tomo I do Anuário do Serviço Municipal. A obra integra o texto revisto das *Origens e desenvolvimento da População do Porto*, incorporando já os dados do recenseamento de 1890, ao nível nacional e local, com um exercício de comparação internacional. Classificando o Porto como “cidade cemiterial”, este estudo de demografia alicerçado numa visão histórica da população veio evidenciar a necessidade da história para produzir conhecimento sanitário, constituindo um modelo seguido por outros médicos.

Em 1899, o relatório “A Peste Bubónica no Porto”, relatando a marcha da epidemia então vivida, abre com a transcrição de uma carta de D. João II à vereação do Porto, datada de 1493, sobre a “pestenença” vivida na cidade. O Arquivo Histórico continuava a ajudar na explicação sanitária! Mas a situação criada pela “peste” obriga Ricardo Jorge a transferir-se para Lisboa, dado o mal-estar criado na cidade, em face das medidas sanitárias adotadas pelo governo, que impuseram o isolamento da cidade e trouxeram a paralisia económica. Reações hostis de grande violência dirigiram-se contra ele, mensageiro da má notícia.

A transferência para os serviços sanitários no Ministério do Reino (e para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa) tiveram como resultado a reorganização dos serviços, com a criação do Instituto Central de Higiene (1899) e a produção de um documento axial – o *Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública* (1901), cujo relatório preambular traz uma resenha histórica da situação. Ricardo Jorge é nomeado inspetor-geral desses Serviços e, pouco depois, diretor-geral. Confessando-se burocrata do poder central, aludirá frequentemente à falta de meios para concretizar medidas. Mas foi nestas funções que iniciou a representação portuguesa no *Office Internationale d'Hygiène Publique*, viajando pelo mundo em reuniões e congressos, deixando memórias científicas e relatos de viagem em periódicos, além de tempo para outros estudos.

A vocação historiográfica voltou com a publicação de “Cartas de Ribeiro Sanches” (*Medicina Contemporânea*, 1907), texto no qual enquadra e edita duas interessantes missivas do médico setecentista ao oratoriano Teodoro de Almeida.

Em 1914-1915, Ricardo Jorge publica os primeiros textos sobre Amato Lusitano (“Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano”) nos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, escritos que produziu entre 1907 e 1909, sobre esse vulto quinhentista da medicina – João Rodrigues de Castelo Branco, cristão-novo, um homem do Renascimento que calcorreou a Europa, foi professor na Universidade de Ferrara, médico do Papa Júlio III, sendo depois perseguido pela Inquisição. Fragmentos do texto saíram noutras publicações, mas uma edição póstuma de 1962 agrega os vários textos num volume. Desenvolvido inicialmente como um comentário à biografia de Maximiano Lemos sobre Amato, o texto ganhou vida própria sobre o percurso peninsular do médico e sobre o seu papel precursor no estudo das drogas da Índia, recriando o ambiente quinhentista dos meios universitários e a situação dos “judeus portugueses”.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Na conjuntura da Grande Guerra, Ricardo Jorge não foge aos seus deveres cívicos e de posicionamento da classe. Com a sua intervenção na Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, enquanto presidente, em 5.12.1914, intitulada *A Guerra e o Pensamento Médico*, acusa a Alemanha: com a história mostra a evolução clínica e sanitária da medicina perante a guerra e denuncia as doutrinas racistas de Gobineau e Houston Chamberlain adotadas nas teses da supremacia racial da Alemanha, uma “teutomania” que culminava no conflito militar, que condena, pois “a guerra é a arte de matar, a medicina a arte de viver”.

As divagações pela história e pela cultura traziam novas contribuições publicadas na *Revista da Universidade de Coimbra*. É o caso de *El Greco* (n.º 1, 1912, pp. 648-694), uma abordagem psiquiátrica à obra do pintor. E do estudo mais amplo, *Francisco Rodrigues Lobo, ensaio biográfico e crítico*, em sucessivos números (de 1912 a 1917) e, mais tarde, a compilação global (1920). Rodeando a sua análise de múltiplas anotações históricas, o estudo sobre Rodrigues Lobo permitiu-lhe aprofundar a cultura do século XVII. Tornou-se um trabalho muito referido pela acusação de plágio que Ricardo Jorge fez, em 1916, a Teófilo Braga, no jornal *A Capital*, num texto panfletário que suscitou polémica depois alargado em *Contra um plágio do Prof. Theophilo Braga* (1918).

Em 1921, Ricardo Jorge voltou ao Porto, 22 anos após o seu afastamento tumultuoso: a 27 de julho, proferiu uma das conferências plenárias do Congresso Científico Luso-Espanhol, *A intercultura de Portugal e Espanha no passado e no futuro*, depois inserto em *Sermões dum Leigo* (1925). O conhecimento histórico sustenta esse discurso marcado pela retórica fraternal, com propostas para o intercâmbio entre os dois países.

Voltaria em 1923 à Faculdade de Medicina do Porto para uma homenagem a Maximiano Lemos, antigo colega e o mais conceituado médico-historiador da Escola do Porto. Ricardo Jorge considera que Maximiano Lemos desenvolvera uma obra de 40 anos sobre a história da medicina num meio acanhado, o que, noutras culturas, teria amplo reconhecimento. Neste texto, Ricardo Jorge exprime-se sobre o conhecimento histórico: “Toda a ciência é inconstituível sem o alicerce histórico. É a história que presta a perspectiva ao quadro pintural dos nossos conhecimentos, ela quem lhes assegura a continuidade e a diretriz, quem nos diz donde vimos e nos guia para onde vamos” (*Sermões dum Leigo*, 1925, p. 248). E, se o século XIX lhe parecia ter sido o “século da história geral”, profetizava o século XX como o “século da história das ciências”, dadas as tendências observadas em vários países e, assim, o reconhecimento futuro para Maximiano Lemos.

Ricardo Jorge retorna, pela via cultural, ao meio portuense, num livro interessantíssimo – *Camilo e António Ayres* (1925), recuperando o poema satírico *As Comendas*, de António Ayres de Gouveia Osório, precedido de longo texto em que rememora o conflito entre os dois intelectuais oitocentistas, descrevendo ambientes do liberalismo monárquico num fresco pleno de memórias, mas também de investigação.

Em prefácio para Samuel Schwarz, *Os cristãos-novos em Portugal no século XX* (1925), evidencia os seus conhecimentos sobre os judeus em Portugal: estudara as biografias de vários médicos judeus e havia mesmo



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

quem o identificasse como sendo ele próprio judeu, até pela fisionomia, situação que comenta, afirmando não ter informações sobre isso.

Em 1928, o limite de idade traz a aposentação das funções administrativas. Ricardo Jorge continua a participar em conferências internacionais e a publicar relatos de viagem polvilhados de história e cultura. Publicou volumes com esses relatos, no seu estilo muito próprio de escrita vernácula (algo camiliana), evidenciando capacidade de observação e profunda espessura cultural, deixando testemunhos sobre os tempos vividos entre as duas guerras mundiais: *Canhenho dum vagamundo* (1923), *Passadas de erradio, Impressões e estudos de viagem* (1928), *Brasil! Brasil!* (1930), volumes que mostram as suas deambulações sanitaristas e as interpretações de um tempo histórico conturbado. Um volume póstumo, *De Ceca e Meca* (1961), aglutina textos que tinha previsto para “Terra Santa e Terras de Mafoma”, nunca publicado.

A vertente da história da medicina teve incremento na década de 30. Em 1933, Ricardo Jorge publica *Summa Epidemiologica de la Peste – Épidémies anciennes et modernes*, um dos seus contributos significativos para a História da Medicina, apresentado como “exercício analítico e sintético, um trabalho de seleção e de condensação de teses a deduzir e a demonstrar”, com base em trabalhos anteriores. Trata-se da comunicação ao *Comité Permanent de l’ Office Internationale d’ Hygiène Publique*, em outubro de 1932: a perspetiva histórica é axial para a referenciação dos ciclos da peste na Europa, a identidade nosológica dos vários tipos de peste, a virulência, linhas de propagação, profilaxias, mutação epidémica, mutação doutrinal, variação de vetores, novas teorias e declínio da peste.

Desde 1932, integrou o Grupo Português de História das Ciências, como sócio fundador e Presidente da Secção de Lisboa. Em 1934, tornou-se membro correspondente da *Académie Internationale d’Histoire des Sciences*, integrou a Comissão Organizadora do Congresso Internacional de História das Ciências, realizado em Portugal, apresentando, em Coimbra, a comunicação *La médecine et les médecins dans l’expansion mondiale des Portugais*.

Um relacionamento com o ex-rei D. Manuel levaram-no a prefaciá-los “Os Livros Antigos Portugueses” e a escrever sobre o códice “Regimento Proveitoso contra a Pestenença”. Volta, em 1934, ao estudo de Rodrigues Lobo, em *Cartas dos Grandes do Mundo*, datadas de 1612, com prefácio e notas à edição do códice depositado no Museu Britânico. E continuou a escrever, elaborando novos relatórios para os encontros do *Office International d’Hygiène* ou deixando textos literários e/ou históricos.

Egas Moniz focaliza o seu pendor historiográfico na história da medicina, o pendor para diagnósticos retrospectivos de vultos da história (*Lisboa Médica*, n.º 9, 1939). Eduardo Coelho regista-lhe o espírito cartesiano, a “dúvida metódica como princípio e regra do espírito”, o reconhecimento do erro e, daí, o relevo dado à medicina de outrora, considerando que Ricardo Jorge “nunca teria sido o epidemiologista que foi se não tivesse aprofundado e estudado a história das epidemias que descreveu e viveu” (*Boletim do Instituto...*, 1946, p. 256).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Que concepções de história perfilha no convívio do seu tempo? Voltemos ao texto *Contra um plágio do Prof. Theophilo Braga*. Ricardo Jorge expõe as linhas da sua historiografia em defesa própria. Contrapõe a metodologia histórica às práticas romanticistas atribuídas a Teófilo: a prática historiográfica recente ultrapassara “pecados velhos”, regenerava-se pelo exemplo de “mestres austeros” e com “a promulgação do código processual das suas investigações e elaborações”, através de normas que serviam de guia para evitar os erros e descréditos de “narradores do passado”. Uma “história digna do nome só o pode ser a sujeita às injunções da análise crítica e à inspiração do espírito da ciência”, prática a moldar pela dos autores das ciências de observação. Devia aplicar-se o método experimental à história, com as regras de “curiosidade desinteressada, probidade severa, paciência laboriosa, submissão aos factos, dificuldade no crer — no crer em si como no crer em outrem —, incessante necessidade de crítica, de contraste e de verificação”, transcrevendo G. Lanson. Recorre ainda a Langlois e Seignobos para dizer que a história é “a disciplina onde mais se necessita que os trabalhadores tenham consciência clara do método de que se servem”, exigência que escasseava “por a sua matéria ser tão popular e acessível a tantos”, citando Georg Waitz — “talvez nenhuma ciência tenha padecido tanto do diletantismo como a história”. Apelava à “propedêutica histórica, mestra rigorosa e acutelada da veracidade e da honestidade, próprias de tudo o que seja ciência ou o pretenda ser”, e, em nota, revela os mestres inspiradores: “Ch. e V. Motet, P. Lacombe, G. Renard, G. Lanson, G. Monod, Ch. V. Langlois, Ch. Seignobos”, sem esquecer Bernheim e Spencer e os “tratadistas da lógica aplicada”.

Ricardo Jorge remete-nos, assim, para os mestres franceses e alemães da história positivista e/ou metódica, que tentaram aproximar a história da metodologia das ciências naturais: definindo objeto e método, a história do passado humano fazia-se com documentos, selecionados pelo exame da crítica das fontes, para depois ordenar, classificar, interpretar, relacionar factos e depois escrever, na mediação entre o passado e o presente. Esta história metódica procurava a “verdade”, eliminando erros ou inexatidões, buscava o documento original como testemunho fidedigno, através da procura e da crítica, evitava tomar partido através de exaltações ou condenações por motivos patrióticos ou outros, dado que a finalidade da história seria apenas o saber, excluindo a produção de sentimentos ou moralismos.

Esse era o modelo historiográfico para Ricardo Jorge, até pela intimidade que respirava com as ciências exatas, mostrando-se sempre na procura do “documento” original, que apresenta peneirado pela crítica interna e externa, valorizando os arquivos. Daí que alguns trabalhos se arrastassem no tempo, em sucessão de artigos com acrescentos e correções, em decantação para a publicação final, minimizando o subjetivismo indissociável da produção, procurando o confronto com versões de outros autores, saturando o texto de citações e notas. Sem arrebiques literários, ainda assim a escolha das palavras e as imagens da reconstrução do passado trazem em Ricardo Jorge um estilo vernáculo, completamente original, com neologismos ou termos inesperados que importa de outras áreas.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Tinha Ricardo Jorge uma auto-imagem de historiador? Em crítica a Silva Carvalho por omitir qualquer referência aos seus contributos na *História da Medicina Portuguesa*, publica o texto *Um pseudo-historiador justificado* (1932), inscrevendo-se, com alguma modéstia, na tribo historiográfica: “Sem que me queira inculcar historiador, sou dos raríssimos que tenham cavado na gleba histórica; em toda a já longa carreira, desde o seu início, me dominou o amor da história médica e da não médica, a social, a nacional, a literária, a artística. Desde o relanço pelo passado de cada assunto até à monografia e à biografia, de tudo há, valha o pouco que valer, nessa variada série escritural. Há sobretudo, em tudo quanto tenha de tocar, o que pode chamar-se o sentimento histórico – o método que leva a projetar no passado a questão sujeita para que melhor se possa aferir o seu estado atual e aclarar juízos críticos.” (*Um pseudo-historiador...*, 1932, p. 14)

Metodologia e neutralidade são as linhas recorrentemente invocadas na operação historiográfica produzida por Ricardo Jorge e que atravessa uma grande parte da sua multimoda bibliografia, cujo levantamento mais extenso parece ser ainda “Contribution à la bibliographie du prof. Ricardo Jorge publiée par le prof. Eduardo Coelho et complétée à l’Institut Supérieur d’Hygiene” (*Boletim do Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge*, 1946, Vol. 1, n.º 1, pp. 13-25): uma listagem de 255 títulos e aviso para um número indefinido de “esparços”.

**Bibliografia ativa:** *Um ensaio sobre o nervosismo*, Porto, Typographia Occidental, 1879; *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa*, Porto, Livraria Civilização, 1885; *Ensaios scientificos e criticos*, Porto, Typographia Occidental, 1886; *O Gerez thermal: historia, hydrologia, medicina*, Porto, Typ. Occidental, 1888; *Origens e desenvolvimento da população do Porto: notas históricas e estatísticas*, Porto, Typographia Occidental, 1897; *Demographia e hygiene da cidade do Porto – Clima, população, mortalidade*, Porto, Repartição de Saúde e Hygiene da Câmara, 1899; *A peste bubónica no Porto, 1899. Seu descobrimento. Primeiros trabalhos*, Porto, Repartição de Saúde e Hygiene da Câmara, 1899; *Contra um plágio do prof. Theophilo Braga: dados para a etho-psicologia literaria duma pedantocracia*, Lisboa, Liv. Clássica, 1917; *Francisco Rodrigues Lobo. Estudo biográfico e crítico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920; *Canhenho dum vagabundo. Impressões de viagem*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1921; *Passadas de erradio. Impressões e estudos de viagem*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1924; *Camilo e Antonio Ayres, seguido do poema “As Comendas”*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1925; *Sermões dum leigo*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1925; *Brasil! Brasil!*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1930; *Les anciennes épidémies de peste en Europe, comparés aux épidémies modernes*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1932; *Um pseudo-historiador justificado*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1932; *La médecine et les médecins dans l’expansion mondiale des Portugais* (1935); *De Ceca e Meca. Impressões e estudos de viagem*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1961; *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1962.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

**Bibliografia passiva:** ALMEIDA GARRETT, “Ricardo Jorge e o Porto”. *Lisboa Médica*. Lisboa, n.º 9, 1939, pp. 564-572; AMARAL, Isabel e outros (coord.), *Percursos da Saúde Pública nos séculos XIX e XX – a propósito de Ricardo Jorge*, Lisboa, CELOM, 2010; COELHO, Eduardo, “Ricardo Jorge Mestre da Medicina e grande europeu”. *Boletim do Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge*. Vol. 1, n.º 1, 1946, pp. 247-251; CORREIA, Fernando da Silva, *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960; COSTA, Rui Manuel Pinto, *Ricardo Jorge. Ciência, Humanismo e modernidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2018; EGAS MONIZ, António, “Ricardo Jorge”. *Lisboa Médica*. Lisboa, n.º 9, 1939, pp. 517-563; FERRAZ, Amélia Ricon, “Ricardo Jorge. Médico e Humanista Portuense, Higienista intemporal”. *Arquivos de Medicina*. 22 (2/3), 2008, pp. 91-100; MONTEIRO, Bruno, “Os anos portuenses de Ricardo Jorge”. JORGE, Ricardo, *A Peste bubónica no Porto*. Porto: Deriva Editores, 2010.

Jorge Fernandes Alves